



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: A Claque — Expediente — Atravez da historia — Cartas a Lambertini — Resposta á carta aberta do Ex.^{mo} Sr. Alfredo Pinto (Sacavem) — Concertos — Noticiario — Erratas — Necrologia

A «claque»

Incontestavel nente, nada ha mais aborrecido no theatro do que a visinhança d'un grupo de *claqueurs*. Por pouco que estejamos perto d'ellés não é preciso grande malicia para notar o character brutalmente automatico das suas manifestações, a unidade com que funcionam, o brilho estudado das suas palmas, a sua attitudo molle e indifferente a contrastar com a exuberancia do seu enthusiasmo.

Tudo isso é bastante chocante para cortar radicalmente o interesse ou a emoção do espectador que tenha a infeliz perspicacia de surprehender esses manejos.

E apezar d'isso, ninguém imagina a que frieza ficaria reduzida uma sala, sem a intervenção dos *cavalleiros do lustre*. E' preciso convir que, sendo principalmente destinado a impulsionar os applausos dos espectadores de boa fé, o *claqueur* não se torna prejudicial quando se limita a essa missão. Pois não succede tantas vezes que desejaríamos applaudir uma qualquer passagem e não o fazemos por vèrmos que ninguém mais applaude!

De todos os modos, a instituição a que vimos alludindo nunca conseguiu attrahir as sympathias do publico.

Já o nome não é lisongeiro: *claque*, bofetada. *Figure à claque* diz-se, em phrase popular, de uma cara que está a pedir bofetadas. Mas parece que foi realmente inventado como onomatopeia, vista a vaga relação que se não pôde contestar entre a

sonancia do termo e o ruido das mãos que palmeiam.

Tambem chamam *romanos* aos homens da *claque*. Segundo Fournier, a razão d'essa denominação está em que a origem da instituição remonta á epoca do esplendor dos Cesares. E' provavel mesmo que venha de mais longe e que os gregos já lhe houvessem apreciado a utilidade: mas é no tempo dos imperadores romanos que teve mais amplo desenvolvimento.

O primeiro organisador da corporação foi Licinius e os applausos assalariados de que elle dispunha haviam attingido um grau de virtuosidade, que podia traduzir todas as nuances do enthusiasmo. Havia primeiro o *bombus*, especie de zumbido confuso, a que vinha juntar-se o ruido das mãos entrechocando-se. Depois eram as *testæ*, ruido claro que se assemelhava ao partir da louça, e que correspondia a um exito mais brilhante. Foi Nero quem inventou este modo de applaudir, que se obtinha simplesmente com o estalido dos dedos da mão direita sobre a palma da mão esquerda. Quando era necessario aquecer a plateia ao rubro, recorria-se ao profundo rufar das *imbrices* que se assemelhava ao crepitar da chuva de pedra nos telhados, ou ao ruido d'uma forte batega d'agua a chicotear os vidros. Quando Nero apparecia na arena era este rumor formidavel que devia acolhel-o, e o imprudente *claqueur* que apenas lhe concedesse um vulgar *bombus* era logo votado ás fêras.

A melhor organização da *claque* foi devida a Nero, que tomara gosto aos applausos depois da sua grande viagem á Grecia,

d'onde havia trazido nada menos de 1800 coróas.

Já lhe não bastavam os miseráveis *laudiceni*, que exerciam o seu mister sob a conducta d'um empresario especial. Para substituir esses entes, geralmente famelicos e mal trajados, que nem tinham força para lançar um applauso energético, escolheu o imperador-histrião homens vigorosos e de apparencia attrahente, que, reunidos em côro, manobravam sob a direcção intelligente de chefes, *mesochoroi*, que, como o nome o diz, se collocavam a meio do côro, para ter debaixo de vista todos os seus subordinados. Eram cerca de 5:000 plebeus, de robusta juventude, como diz Suetonio, que faziam estalar applausos sem fim ao menor signal do *mesochoroi*, que por seu turno seguia as indicações de Burrhus e de Seneca, collocados aos lados do hemicyclo. Não recebiam os *mesochoroi* menos de 40:000 sestercios por anno, qualquer cousa como um conto e quatrocentos da nossa moeda, o que era uma verdadeira fortuna ao lado dos miseros 100\$000 réis que hoje ganha o titular de emprego identico na Opera de Paris. Em algumas chronicas do tempo, os *claqueurs* tomam o nome de *juvenes* e os seus chefes o de *cura-tores*.

Parece que uma tal organização deveria satisfazer por completo o imperial cantor. Pois não lhe bastava isso e acabou por decretar a pena de morte para todo aquelle que não applaudisse. E' o que se poderia chamar a *claque* á força!

Além das diversas especies de applausos que já citamos, ainda havia algumas outras, *menos officiaes*, como dar estalidos com os dedos, rir ou soltar exclamações. Diz Seneca que ta-bem se agitava uma ponta da toga em signal de applauso e o imperador Aureliano levou mesmo a previsão a ponto de fazer distribuir ao publico pedaços de panno com que mais commodamente se podia fazer a desejada manifestação. Segundo Propercio, o publico tambem podia exprimir o seu contentamento, levantando-se. Em summa, a sciencia do applauso era tão minuciosa e complicada que até havia mestres para a ensinar.

Pretendeu-se tambem que a instituição da *claque*, em Roma, tinha por objecto impedir que os applausos, partindo de varios pontos do amphitheatro e nem sempre ao mesmo tempo, formassem um tumulto desordenado que pudesse prejudicar o espectáculo.

Não foi só no theatro que campeou a *claque*. No Capitolio, no Atheneu, poetas,

oradores, philosophos, tribunos, tinham o cuidado de encomendar applausos seguros. Muito antes de Nero, já Tiberio tinha os seus *claqueurs* no Senado.

Nos tempos modernos, a instituição da *claque* paga é por assim dizer recente. E' certo que no *grand siècle*, em França, já se empregavam meios para conciliar a sympathia dos publicos, mas para esse effeito não se lançava mão de empregos remunerados. Foi um poeta de salão, Dorat, quem teve a primeira ideia de oppôr á frieza do publico um certo numero de enthusiasmos assalariados. Adquiria bilhetes de plateia, distribuia-os a amadores de baixa cathegoria, aos seus fornecedores e creados, com a condição de pagarem o preço dos logares com a moeda das suas palmas. O resultado foi arruinar-se, sem lograr conquistar o publico.

O primeiro organisador das *troupes de claqueurs* retribuidos foi, em Paris, um certo cavalleiro de Morlière, que dirigia, em pessoa, a manobra dos applausos.

No tempo de Napoleão fundou-se na *Comedia Francesa* uma verdadeira *claque* ao serviço respectivo de duas actrizes celebres, Georges e Duchesnois, que disputavam mutuamente o favôr da plateia e não encontraram nada melhor do que assoldar, cada uma, um grupo de manifestantes. Terminada a guerra entre as duas actrizes, subsistiu a instituição, consolidou-se, e acabou por se impôr aos empresarios, aos actores e ao publico, com o mesmo character oppressivo que ainda hoje mantem.

Em um volume que publicou em 1807, Prudhomme refere se a um quidam que havia feito da *claque* um mister muito lucrativo, «Il se faisait payer 36 livres par vacation quand la pièce réussissait, 12 livres dans le cas contraire». A Restauração ainda fortificou a instituição da *claque*, que hoje se encontra em todo o seu esplendor.

(Continúa.)

!

Expediente

Aos assignantes, que tenham as suas assignaturas em divida ou atraso, pedimos a fineza especial de as mandar satisfazer á nossa administração até ao fim do anno corrente.

Atravez da Historia

E' consideravel e muito mais importante do que ordinariamente se julga o logar que a nossa arte tem occupado em todos os periodos da historia.

Aos que a fazem datar d'hontem é preciso recordar Aristoxenes de Tarento que faz começar em Sophocles a decadencia da musica, e Platão que parece convencido de que a partir do seculo VII nada mais se fez de bom. De seculo para seculo se tem dito e repetido que a musica chegou ao seu apogeu e tinha que fatalmente declinar. Não ha epoca alguma que não tenha sido musical. Não ha povo algum civilisado que não tenha tido o seu momento historico de grande cultura musical. Basta vêr a Inglaterra, que estamos habituados a considerar como menos dotada para esta arte, e que até a revolução de 1688 foi sem duvida um grande povo musico.

Não está bem assente que haja circumstancias historicas mais favoraveis que outras para o desenvolvimento da musica. Sob certos pontos de vista, parece que a floração musical devia muito naturalmente coincidir com a decadencia das outras artes e até talvez com certos desastres sociais.

O seculo XVII italiano e allemão comprova de algum modo o nosso asserto. E a primeira vista parece logico que assim seja, pois que a musica é uma arte de intimidade, que para existir só exige uma voz, uma alma.

E' assim que um desgraçado, um prisioneiro, rodeado de miserias, separado do resto do mundo, pôde realmente crear uma obra prima musical ou poetica.

Mas essa é apenas uma das fórmulas da musica. Além de arte intima, a musica pôde ser tambem uma arte social. Pôde nascer do recolhimento e da dôr, mas tambem pôde ter origem na frivolidade e na alegria. Dobra-se ao caracter de todos os povos e de todos os tempos, e quando se conhece um pouco a sua historia e as formulas diversas que revestiu atravez dos seculos, não pôde causar estranheza a diversidade, a contradição mesmo, que reina nas definições que lhe tem sido attribuidas pelos homens de sciencia. Um chama-lhe a architectura em movimento, outro uma psychologia poetica. Um vê n'ella uma arte toda plastica e formal, outro uma arte de pura expressão moral. Para este theorico é a melodia a essencia da musica, para aquelle é a harmonia.

E afinal de contas tudo isso é verdade e todos tem razão. Porque a historia, longe de ser uma escola de septicismo como alguns tem avançado, leva-nos a crêr parcialmente em tudo, a interpretar, pelas theorias geraes, fragmentos de verdade, juizos momentaneamente verdadeiros, verdadeiros para um determinado grupo de factos ou para uma determinada hora historica.

E não são menos verdadeiras as variadas apellidações de que a musica tem sido objecto. E' effectivamente architectura de sons em certos seculos de architectura ou para certos povos por assim dizer architectos, como os franco-flamengos dos seculos XV e XVI. E' desenho, linha, melodia, belleza plastica, nos povos que tem o senso e o culto da forma, nos povos pintores e esculptores, como os italianos. E' poesia intima, effusão lyrica, meditação philosophica, nos povos poetas e philosophos, como os allemães.

Adapta-se a todas as condições da sociedade. E' uma arte de côrte, galante e poetica, com Francisco I e Carlos IX; uma arte de fé e de combate, com a Reforma; uma arte de apparato e de orgulho principesco, com Luiz XIV; uma arte de salão no principio do seculo XVIII; no fim d'esse seculo e nos principios do seguinte já é a expressão lyrica de personalidades poderosas e revolucionarias; e finalmente será tanto, no futuro, a expressão sonora das democracias como foi, no passado, a das sociedades aristocraticas.

Não se deixa impôr por formulas ou por situações especiaes. E' a flôr da historia, que nasce em todos os terrenos, no da dôr e no da alegria. E' o canto dos seculos e um dos mais ardentes focos da vida interior de todas as epocas e de todos os povos.

Cartas a Lambertini

III

Meu caro amigo:

Não falta quem tenha lamentado o facto de que, na primeira audição dos trios de Beethoven realizada na 5.^a feira passada, a pequena sala do «Automovel-Club de Portugal», não estivesse «à cunha». — Eu acho francamente que essa observação é mais digna d'um empresario sofrego de

lucros, que d'um sincero cultor da Arte Bella. — A *musica de camara*, para mim só concebível na *camara*, (e se possível fôsse na *camera oscura*); deleite supremo d'aquelle que deseja pôr a sua alma em comunicação directa com Deus, esquecer as amarguras mundiaes, procurar elevação ao seu espirito e conforto á sua consciencia, não exige um publico compacto, vibrante, animado ou caloroso. — Bastar-lhe-ia apenas um ambiente fervoroso e recolhido; duas duzias, que fossem, de crentes, escutando e... commungando com unção; a ausencia de ovações estrondosas, de luzes intensas; uma semi-sombra benévola que dissimulasse, se fosse preciso, a deploravel polychromia com que algumas das nossas elegantes profanam a sua face; uma tregua discreta no cuchiço... e no «flirt»... e assim conseguiríamos a moldura ideal d'esta sublime expansão do Sentimento e do Bello... — Fallando um dia nas obras primas — e das maiores — da musica allemã, Wagner admirava n'ellas particularmente a *intimidade*: «O contacto com a multidão, escrevia elle, corromper-lhes-ia certamente a essencia.»

A *musica de camara* não procura a grande massa de ouvintes, porque esta não a comprehenderia, e damos-lhe o bello nome de *musica de camara*, precisamente porque, por potente, por rica, por sonora que seja uma symphonia, uma opera lyrica, uma oratoria, nenhuma d'estas manifestações contem com a mesma intensidade que a Sonata ou o Quartetto, que o Trio ou o Lied, a poesia toda, o perfume todo, e o ideal todo, da casa e do lar... — São, por outra parte, tão variadas as concepções que da Arte Musical se fazem as diferentes camadas sociaes d'esta linda cidade de Lisboa, que não é nada para estranhar seja reduzidissimo o numero dos que reconhecem em nós, simples devotos do culto beethoveniano, um poder de atracção sufficiente para abandonar o conchêgo dos serões, o brigue magnetizador, ou as delicias do Tango...

Lisbôa, 20-Novembro-1915.

ALEXANDRE REY COLAÇO.



RESPOSTA

A' carta aberta do Ex.^{mo} Sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

Meu bom Amigo:

Muito me alegrou vêr que não é completamente inutil a campanha que, dentro das tradições d'esta revista, aqui tenho sustentado em defesa da musica moderna. O meu artigo sobre Déodat de Séverac motivou a sua interessante carta e deu origem a que se ventilassem questões de importancia para os amigos da arte; isto é alguma coisa, e portanto já aqui tenho que discordar do seu pessimismo quando fala do esforço artistico entre nós, pessimismo que se me affigura exagerado.

Referir-me-hei em primeiro logar ao que me parece mais importante: ao publico. Ora o nosso publico longe de me desconso-lar, anima-me pelo contrario extraordinariamente a proseguir n'esta cruzada da moderna musica. Em todas as occasiões o tenho visto bem disposto para o mais difficil da obra contemporanea; muito mais comprehensivo que os melhores publicos estrangeiros. Terá explicação este facto? Quanto a mim é porque a arte moderna apela directamente para a sensibilidade, para a rapida impressionabilidade, o que admiravelmente se coaduna com a nossa psychologia nacional. No entretanto, com ou sem explicação, o que é certo é que o facto se dá.

Ha uma coisa em que a impressionabilidade da nossa raça se manifesta sob um aspecto menos feliz, que é quando arrasta o nosso compatriota a ter, em arte como em politica, opiniões guiadas por ligações ou sympathias individuaes, opiniões que depressa se transformam no authenticó e politico espirito de partido.

O meu bom amigo não estranhará com certeza que eu por um momento deixe de ser psychologicamente portuguez e já advinhou que me preparo para entrar no campo revolto de paixões da apreciação das nossas duas orquestras symphonicas. Vou effectivamente abordar a questão, lamentando não poder por falta de tempo, tributar a todos, sobretudo aos primeiros, que em Portugal pela musica moderna se interessaram, o louvor a que teem jus.

Ainda na acção das orquestras de Lisboa não encontro senão motivo de regosijo

para o musico moderno. Cito de memoria e ao correr da penna, porisso espero me será relevada alguma involuntaria inexactidão. Temos as seguintes obras importantes: *Prélude à l'après-midi d'un faune*, de Debussy (Pedro Blanch); *L'apprenti sorcier*, de Dukas (David de Sousa); *A travers les steppes de l'Asie centrale*, de Borodine, (Pedro Blanch); *Scheherazade*, de Rimsky Korsakoff (David de Sousa); ainda por Blanch: *Sadko* e segundo me disseram, para este anno, poemas symphonicos de Richard Strauss; Por David de Sousa: 2.^a symphonia (em si menor) de Borodine; *Hopak* de Mussorgski; *Stenka Razin* de Glazunoff; *Ma mère l'oye* e *Valses nobles et sentimentales* de Maurice Ravel; Suite *La mer*, de Debussy.

Como vê não posso senão elogiar a iniciativa das nossas orquestras sob o ponto de vista de arte moderna. Deante desta série de obras *difficéis* fóra as que me escaparam porque cito, (repito-o) de memoria não consigo alimentar a mais leve sombra de pessimismo.

Não se esgotou evidentemente entre nós o repertorio symphonico moderno e é felizmente tão vasto que quasi se pôde considerar inexgotavel; além d'isso tem que se attender ao numero de ensaios que exige a rasoavel apresentação de uma obra nova e á gradação da difficuldade puramente technica.

Ouviremos decerto a seu tempo, entre outras as seguintes obras modernas: *Nocturnes* (1.^o e 2.^o num.) de Debussy; *Viviane* e symphonia de Ernest Chausson; *Lénoire* de Duparc; Suite *Pelléas et Mélisande* de Gabriel Fauré; *Ouverture de Polyeucte* e symphonia de Dukas; *Chasseur maudit* e symphonia de Cesar Franck; *Symphonie cévenole* e *Istar* de V. d'Indy; Symphonia: Poema da Floresta e os dois primeiros numeros das Evocações de Albert Roussel; *Le Palais Hanté* de Fl. Schmitt; *Antar* e Suite *Natal* de Rimsky e a divina *Thamar* de Balakirew que o maestro Julio Cardona nos ia fazer ouvir. Esquecia-me a Suite extrahida da genial *Psyché* de César Franck.

E ahí tem o meu caro amigo um repertorio não em demasia pretencioso sob o ponto de vista technico, porisso que, como vê, omitto a Rhapsodia do Ravel, o *Petrukhka*, a *Domestica* e a Vida d'um Heroe.

Peço-lhe desculpa da maçada e com um cordeal aperto de mão creia-me sempre

Am.^o verd.^o e adm.^{or}

Lisboa, 24-11-1915.

LUIZ DE FREITAS BRANCO.



Club Moderno. — Este já bem conhecido centro artistico realisou no sabado, 13 do corrente, o seu primeiro sarau-concerto d'esta época, que foi deveras encantador.

O programa, curto, mas com elementos de valor, agradou bastante a toda a assistencia, passando-se ali umas belas horas de boa musica.

Na parte de canto fez-se ouvir a distinta amadora M.^{elle} Elvira Loureiro, no «Ritorna Vincitor», da *Aida*, obtendo grandes aplausos pela forma por que executou este lindo trecho.

O sr. Joseph Lazarus, flautista amador, tocou muito bem a *Sérénade*, de Woodall, acompanhado ao piano pelo sr. Lourenço Varella Cid, recebendo ambos justas saudações.

Mais uma vez se revelou um grande talento musical, o sr. D. Luiz Quesada. Os dois numeros de piano que lhe couberam, *Rapsodia em fá* (n.^o 12) de Liszt e a *Marcha dos Anões*, de Grieg, mereceram ao ilustre amador as mais calorosas ovações nas repetidas chamadas que a assistencia lhe fez.

N'este concerto foi encarregado do sexteto o tambem grande amador, o sr. Jayme de Padua Franco, que escolheu dois numeros deliciosos, *Chant sans paroles*, de Tschaiowsky, e *Folha de Album*, de Wagner, os quaes foram tocados na perfeição pelo mesmo sr. Padua Franco, no piano, M.^{elle} Teixeira de Sousa e maestro Miguel Ferreira em violinos, Henrique Vianna Ruas no violoncelo, Innocencio Marques em violeta e Saul Simões Serio em contrabaixo. Receberam todos justissimos aplausos.

Como sempre succede n'este Club, alia-se á musica a poesia. D'ela se encarregaram o sr. Aureo Guterres, apreciado cultor, recitando com propriedade o *Melro*, de Guerra Junqueiro e M.^{elle} Olympia Bastos, figura gentil e interessante que encanta sempre pela excepcional forma de recitar versos, em que sobresahe o mimo e o sentimento, o que tudo muita honra dá ao seu digno professor de arte de dizer, o sr. Arthur Lobo de Campos.

Tivemos pena de não se achar presente este distincto professor, para que, junto á

sua dilecta discipula, recebesse tambem as justas e prolongadas saudações a que tem jus.

A pedido da Direcção e do maestro Quesada e fóra do programma, gentilmente acedeu a fazer-se ouvir tambem o distinto tenor, o sr. Antonio José Pereira, tendo sido muito aplaudido na aria do 3.º acto da *Tosca*, e na canção do *Ribeirinho*, bem como o sr. Quesada, que o acompanhou.

Igualmente compartilhou de fartos aplausos o novel e apreciado baritono, o sr. Antonio Caldeira, que cantou com a costumada correção o «Prologo» dos *Palhaços* e o «Toreador», da *Carmen*, causando grande enthusiasmo. Estes dois belos trechos deveu a assistencia ao maestro Acacio Santos, que teve a gentileza de apresentar no Club o sr. Caldeira, para ali poder ser ouvido, o que tornou a festa mais brilhante. M.^{lle} Caldeira que tão distintamente fez os acompanhamentos, tambem foi muito aplaudida.

Como se vê, a Direcção do Club, não só pelos seus esforços, como pelos dos varios amadores que lhe são afeiçoados, continua a proporcionar aos socios noites de boa musica.

Já nos consta que brevemente ali se farão ouvir M.^{me} Cesarina Lyra, M.^{me} Stegner Prado, M.^{lle} Barahona e ainda M.^{lle} Judith Lima, do Porto, e o eximio baritono Mascarenhas. Serão cantados os quartetos do *Rigoletto* e da *Bohemia*. Emfim, futuras festas musicas, que terão o agrado geral.

M. B.

No salão do Automovel-Club teve lugar na noite de 18 do corrente a primeira das cinco audições dos trios de Beethoven, promovidas pelo nosso illustre pianista A. Rey Colaço. Esta primeira audição foi precedida de uma curta conferencia em que o sr. Ruy Coelho devia expôr as suas ideias a respeito das fórmulas intimas da musica, e principiou por nos dizer que esta audição marcava uma *data historica* nos anais da musica.

Permita-nos o sr. Ruy Coelho que discordemos d'esta afirmativa. Os trios de Beethoven agora executados teem sido muito ouvidos em Lisboa na sua grande maioria. O proprio sr. Rey Colaço tocou já alguns d'elles em publico, quer com Arbós, quer com Victor Hussla. Posteriormente foram tocados alguns pela Sociedade de musica de camara. Queria o sr. Ruy Coelho referir-se á execução de todos os trios para piano,

violino e violoncelo no seu conjunto? E' uma questão de escola, que só se põe em prática com o fim de estudar o estilo do compositor. E os trios são um estudo interessante, porque sintetizam os tres estilos de Beethoven, que poderíamos traduzir pelas palavras: singeleza, paixão, sublimidade. Mas nos programas de concertos procura-se atender á variedade que amenize a atenção do auditorio e atraia a concorrência. Por isso esta foi pouco numerosa n'este primeiro concerto, em que só se ouviu Beethoven. No resto da conferencia principiou o sr. Ruy Coelho a estudar algumas tonalidades, que exemplificou ao piano, mas a que não pôde dar o devido desenvolvimento, prometendo fazel-o em outra ou outras sessões.

O nosso distinto pianista Rey Colaço, coadjuvado pelos professores Julio Cardona e João Passos, tocaram n'esta sessão o primeiro e segundo trios de Beethoven, em mi bemol maior e em sol maior.

E' pena que os muitos afazeres dos illustres artistas lhes não permitam dedicar ao estudo dos trios mais algumas horas, para obterem a precisa unidade na execução. De toda a colecção de trios são estes dois os de mais facil interpretação. Mas são obras de Beethoven e é preciso que os executantes as tenham tocado muitas vezes para mutuamente se conhecerem e não haver esitações ritmicas.

Ao abalisado professor A. Rey Colaço o nosso sincero aplauso pela sua apreciada iniciativa, e oxalá que tão util empreendimento seja compreendido pelos que dizem que sabem apreciar a boa musica de camara.

Com um bonito programa iniciou na noite de 20 do corrente os concertos d'esta epoca a Academia de amadores de musica. A orquestra, sob a batuta do notavel director D. Pedro Blanch, executou com grande correção a 1.^a *suíte*, *L'Arlesienne*, de Bizet. Foi este o concertante que constituiu a segunda parte do programa e em que foram maiores as responsabilidades dos executantes, que venceram com relativa facilidade todas as dificuldades, pelo que felicitamos o seu digno director.

Muito interessante o modo como a menina Olimpia Perry Vidal Pereira Bastos recitou algumas poesias de Affonso Lopes Vieira, Camões, conde de Monsaraz, Augusto Gil e Alberto Bramão. Aos seus bellos dotes naturaes reune a sinpatica discipula do sr. Lobo de Campos uma interpre-

tação apropriada, que fazem d'ela uma *disease* impecavel no gesto, recitando com grande sentimento. Bem merecidos os aplausos com que o seu trabalho foi galardoado.

Impressionou-nos muito agradavelmente a soprano dramatico D. Isabel Barahona Vieira, discipula do conhecido professor Sarti. Bem timbrada voz, bastante extensa, rigôr de afinação, bom colorido, forte sonoridade, dicção correcta, são qualidades muito para apreciar e que fazem da distinta amadora uma cantora de comprovado merecimento.

As sr.^{as} D. Emilia Leiria, discipula do professor de violino D. Pedro Blanch e D. Cecilia Borba da Costa, discipula do professor de piano Marcos Garin, tomaram tambem parte n'este concerto, tocando a primeira o *Romance* em *dó*, de Saint-Saëns, e a segunda *Les cloches de las Palmas*, de Saint-Saëns e *Loreley*, de Liszt. Ambas estas senhoras foram bastante applaudidas.



Quando ha sete annos se realison, por iniciativa da *Sociedade de Musica de Camara*, um concurso entre compositores portuguezes, ficaram depositadas na sêde da sociedade, que é tambem a da redacção da nossa revista, varias composições recusadas (sonatas, quartetos), assim como as cartas devidamente lacradas em que cada um dos compositores declinava o proprio nome. Apesar dos muitos appellos que se fizeram n'este jornal, convidando os concorrentes a retirarem esses documentos, só alguns accudiram á chamada e ficaram ainda em nosso poder varias obras com as respectivas cartas, que muito desejaríamos entregar a quem de direito.

Já passaram sete annos e justo é que por uma vez se conclua este assumpto.

Assim, convidamos pela ultima vez os auctores a que retirem com a maior brevidade os seus originaes, bastando para isso enviar-nos uma carta em que venha indicada a legenda correspondente a cada um d'elles. Não sendo retirados até ao fim do presente anno, subentenderemos que os desejam abandonar, pelo que os faremos queimar conjuntamente com as cartas.

Os concertos d'orchestra, cujo inicio aqui annunciamos para 21 d'este mez, teem de ser retardados por varios motivos. Os dirigidos por D. Pedro Blanch effectuam-se de facto em S. Carlos, mas só começam, ao que parece, em 5 do mez proximo. E quanto aos do Polytheama, diz-se que David de Sousa abandonou a sua direcção, sendo substituido pelo professor e compositor Wenceslau Pinto.

A casa P. Santos & C.^a promoven, no dia 15, um interessante concerto de *pianola* no Eden Theatro.

Agradecemos o convite que nos foi enviado, sentindo que os muitos affazeres nos não tivessem consentido assistir á alludida audição.

Para 19 d'este mez foi convocada a Assembleia Geral da *Associação de Classe dos Musicos Portuguezes*, afim de redigir definitivamente os estatutos de uma Caixa Auxiliar que a mesma associação organisou particularmente ha 4 annos e a que hoje pretende dar existencia official.

Parece contudo que tal reunião se não effectuou, por dissidencia entre os socios.

Por incommodo de saude do professor Colaço, ficou transferida para 2 do mez proximo a segunda audição de trios de Beethoven, sendo os restantes nos dias 9, 16 e 23 do mesmo mez.

Seguiram para o Funchal os srs. Angelo Barata, Abilio e Alberto Martins, que vão fazer parte de um sexteto contractado por um dos mais elegantes casinos d'aquella cidade.

No salão de festas do Jardim Passos Manoel teem-se organizado interessantes concertos de pequena orchestra, sob a regencia do talentoso Nicolino Milano. Teem logar estes concertos ás quartas-feiras, á noite, e aos domingos, de tarde, sendo frequentados pela sociedade mais selecta do Porto.

Os concertos symphonicos dirigidos por Raymundo de Macedo, tambem já deviam ter começado, crêmos que a 21. Não recebemos contudo até agora o programma d'esse concerto inaugural.

Annuncia-se para 25 de dezembro a definitiva abertura da epoca lirica no Colyseu dos Recreios. Dizem-nos que o sr. De Angelis se esmerou na escolha dos artistas que hão-de constituir esta companhia, obtendo um grupo de cantores que hão-de satisfazer plenamente os frequentadores d'aquella casa de espectaculos.

Além da companhia firme, estão escripturados para recitas extraordinarias os seguintes célebres artistas: Saloméa Kruceniska (*Butterfly* e *Loreley*), Maria Galvany (varias operas) e Mattia Battistini (*Maria de Rohan*, *Ernani* e *Rigoletto*).

Tem-se fallado muito, ultimamente, na execução da *Nona Symphonia* com elementos do Conservatorio, dando lugar esse boato, como pode suppôr-se, a ditos e criticas em que não pode deixar de ser mal julgado um projecto que só tem de apreciavel... a boa intenção.

Toda a gente sabe que não ha em Lisboa, e muito menos entre os alumnos do Conservatorio, o preparo necessario para a comprehensão e para a execução da admiravel obra beethoveniana. A *Nona Symphonia* é a ultima palavra da Arte. Pretender decifrar essa suprema palavra quem mal pode soletrar as primeiras, seria um cumulo de inconsciencia, que lançaria os dirigentes do nosso primeiro estabelecimento musical em uma situação sobremodo delicada e nada lisongeira.

Já que tão difficilmente conseguimos progredir, evitemos ao menos as conjecturas ridiculas e humilhantes, em que se faça estendal inconsciente da nossa pobreza artistica.

Determinou o sr. ministro da Instrucção que seja aberto concurso publico para a adjudicação do theatro de S. Carlos.

Brevemente publicaremos as condições do respectivo programma.

Recebemos o 2.º numero da nova revista parisiense, *La musique pendant la guerre*.

Contem magnificos artigos d'actualidade, interessantes entrevistas com Henri Maréchal e Felia Litvinne, cartas de varios compositores e cantores, etc.

Agradecemos a gentileza do novo collega.

ERRATAS

No nosso ultimo numero, artigo *Philosophia Wagneriana*, escaparam duas gralhas importantes. Na primeira pagina, segunda columna, onde se lê «sendo a musica o elemento masculino, creador...» deve lêr-se «sendo a musica o elemento feminino, o elemento masculino, creador» etc. Na segunda pagina, segunda columna, em vez de: «E' muito vulgar apresentar-se o wagnerismo como a equivalencia musical do wagnerismo» deve lêr-se: «E' muito vulgar apresentar-se o wagnerismo como a equivalencia musical do *mallarmismo*».



Noticiamos com magua o fallecimento do violinista Francisco Pereira Lima, antigo professor das orquestras do Gymnasio, Principe Real e Colyseu. Era muito apreciado pelo seu character e muito bem visto na Companhia das Aguas, onde era empregado ha mais de 30 annos.

Fallecimentos no estrangeiro: Albéric Magnard, compositor; Ch. de Beriot, professor do Conservatorio de Paris; Jean Baptiste Faure, cantor da Opera; Emile Waldteufel, compositor; Raul Aubry, critico musical do *Temps*; Arthur Steck, antigo director d'orchestra de Monte-Carlo; Augé de Lassus, librettista; Henri Berthelier, professor de violino; Laurent de Rillé, escriptor, compositor e fundador de muitas sociedades orpheonicas; Louis Gregh, compositor; Gabriel Dupont, auctor da *Cabrera* e outras operas; A. d'Ambrosio, violinista e compositor.